



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UniCEUB

PROGRAMA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

CAMILA GATTI RAULINO

**A ADAPTAÇÃO PSICOLÓGICA E O SENTIDO DE VIDA DE REFUGIADOS NO
BRASIL PARA O RELATÓRIO FINAL DO PROGRAMA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA**

BRASÍLIA

2020



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UniCEUB

PROGRAMA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

CAMILA GATTI RAULINO

**A ADAPTAÇÃO PSICOLÓGICA E O SENTIDO DE VIDA DE REFUGIADOS NO
BRASIL PARA O RELATÓRIO FINAL DO PROGRAMA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA**

Relatório final de pesquisa de Iniciação Científica apresentado à Assessoria de Pós-Graduação e Pesquisa.

Orientação: Prof. Dr. João Gabriel Nunes Modesto

BRASÍLIA

2020

RESUMO

O número de refugiados no Brasil tem se intensificado nos últimos anos. Apesar disso, a ciência psicológica no Brasil ainda tem se dedicado pouco à temática. Buscando contribuir nesse âmbito, o presente estudo teve como objetivo investigar a relação entre adaptação psicológica e sentido de vida de refugiados no Brasil. Participaram do estudo 42 refugiados ou solicitantes de refúgio, de diferentes nacionalidades, que responderam o Questionário de Sentido de Vida com as dimensões de busca de sentido ($\alpha = 0,88$) e presença de sentido ($\alpha = 0,79$), a Escala de Adaptação Psicológica ($\alpha = 0,77$) e um questionário sociodemográfico. Foi encontrada uma relação negativa entre adaptação psicológica e busca de sentido ($R = -0,53, p < 0,001$) e positiva com presença de sentido ($R = 0,35, p = 0,022$). Sobre os dados sociodemográficos, não foi encontrada correlação entre adaptação psicológica e tempo de moradia no Brasil ($R = -0,24, p = 0,128$). Implicações teóricas e práticas são discutidas.

Palavras-chave: Refúgio Humanitário. Sentido de Vida. Adaptação Psicológica.

LISTA DE FIGURAS, TABELAS, GRÁFICOS, SÍMBOLOS E ABREVIações

Tabela 1: *Índice de correlação das variáveis e respectivos níveis de significância* – página 10

Tabela 2: *Frequência e percentual de respostas discursivas do instrumento* – página 11

ANEXOS – página 20

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
OBJETIVOS	1
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	3
MÉTODO	10
RESULTADOS E DISCUSSÃO	12
CONSIDERAÇÕES FINAIS	17
REFERÊNCIAS	18
ANEXO A	21
ANEXO B	21
ANEXO C	23

INTRODUÇÃO

A migração em massa raramente é aleatória. Trata-se de uma forma de se adaptar a crises ecológicas e culturais, como grandes acidentes naturais e transformações econômicas ou guerras. Desencadeia-se, assim, um processo de migração de indivíduos para outros locais buscando mudanças. Tais transições foram definidas em três fatores: reagrupamento familiar, a busca por trabalho e o refúgio humanitário (American Psychology Association, 2012).

O refúgio humanitário, que será abordado no presente estudo, pode ser caracterizado pelo caráter persecutório e pela migração como consequência de catástrofes naturais, violência ou guerra (APA, 2012). Sua situação foi regulamentada a partir da Convenção Internacional do Estatuto dos Refugiados em 1951 e do Protocolo de 1967 (Ministério das Relações Exteriores, 2018). Podendo, assim, solicitar refúgio o indivíduo que se encontra perseguido por motivos de raça, religião, nacionalidade e pertencimento a um grupo específico ou posicionamento político, e que não possa ou não queira retornar ao país de origem (Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados, 1951).

Atualmente no Brasil, encontram-se cerca de 11.231 indivíduos que são considerados refugiados, sendo que em 2017 o total de 80 mil pessoas pediram refúgio ao país (ACNUR, 2018), tendo predominância dos sírios nas diferentes 79 nacionalidades existentes (MRE, 2018). Contudo, pela atual situação na Venezuela, cerca de mil e duzentas pessoas migraram por dia em agosto de 2018 para o território brasileiro com o pedido de refúgio (Cáritas, 2018a). Por conta de sua complexidade, o fenômeno do refúgio, para ser compreendido, deve englobar a análise de diversos fenômenos que perpassam questões políticas, sociais e psicológicas, a exemplo da aculturação.

OBJETIVOS

Objetivo Geral

Feitas essas considerações, mostra-se evidente a relevância do tema para a pesquisa brasileira. Nesse sentido, o presente estudo teve como objetivo principal investigar a relação entre adaptação psicológica e sentido de vida de refugiados no Brasil.

Objetivos Específicos

Pretende-se, como objetivos específicos, i) descrever os índices de adaptação psicológica e de sentido de vida de refugiados no Brasil; ii) identificar possíveis fatores dificultadores da adaptação de refugiados no Brasil.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Adaptação psicológica

O processo de adaptação cultural a um novo país é chamado de aculturação. A partir deste fenômeno, questiona-se o que ocorre com estes sujeitos que mudam do seu contexto cultural de origem para um diferente. A psicologia transcultural analisa que este é um padrão complexo de mudança e seguimento na maneira como tais indivíduos se comportam devido à diferença do contexto cultural, como tem sido evidenciado em diferentes perspectivas sobre o estudo do fenômeno (Ward & Geeraert, 2016; Bornstein, 2017). A aculturação deve ser entendida como processual, podendo ser afetada pelo contexto ecológico (Ward & Geeraert, 2016). Ressalta-se ainda que a vivência deste fenômeno ocorre de uma forma involuntária pelos refugiados que, diferentemente dos migrantes, não optaram por mudar de país (Berry, 1997).

Existem diferentes formas de aculturação em que o indivíduo pode buscar manter mais (ou menos) elementos da cultura original, em comparação com os elementos que adere da cultura de destino (Berry, 1997). Nesse sentido, pode ocorrer uma busca de procurar conviver cotidianamente com outros, chamada de estratégia de assimilação; a de não buscar se relacionar com outros, definida como a de separação; e, a de conciliar tanto a cultura de origem com outras, tida como a de integração (Berry, 1997; Berry & Sabatier, 2010). A estratégia de integração pode ser considerada como o encontro de dois mundos: o de partida e o da chegada; a manutenção do tradicional e a reinvenção de si (Lencher, 2007). Considera-se também como uma estratégia de adaptação a impossibilidade ou a falta de interesse de o indivíduo se relacionar com outras culturas ou manter a própria, marginalizando-se (Berry, 1997, Berry & Sabatier, 2010).

No processo de aculturação, os membros da cultura de destino têm importante impacto em termos de interações intergrupais (Horenczyk, Jasinskaja-Lahti, Sam & Vedder, 2013) e políticas sociais (Abraído-Lanza, Echeverría & Flórez, 2016). Aquele que está inserido em seu contexto cultural deve possibilitar a integração do grupo não-dominante por meio de uma abertura à socialização, bem como em termos de políticas sociais, a

exemplo de sistemas de educação, saúde e outros considerados como essenciais. Caso não haja uma boa receptividade, pode ocorrer um processo segregacionista que tende a favorecer o estresse em migrantes (Berry, 1997). Mulheres sírias, por exemplo, vêm sofrendo abusos sexuais para obterem ajuda humanitária, o que acarretou na negação de muitas em ir até os centros de distribuição de mantimentos e remédios (BBC, 2018). A partir da exemplificação, torna-se importante destacar que possíveis déficits de suprimentos básicos podem se desdobrar em indícios negativos à adaptação psicológica. Tendo-se, assim, como necessidade primária extinguir o estressor proveniente da necessidade emergente. Como consequência, não priorizando possíveis necessidades referentes à adaptação psicológica.

O fenômeno do estresse pode se relacionar com a aculturação caso o sujeito não tenha facilidade em aprender o repertório de comportamentos aceitos pelo novo contexto cultural. Dessa forma, o indivíduo, com dificuldades de se adaptar a tal repertório, pode vir a um sofrimento de estresse de aculturação (Berry, 1997). Um estudo realizado com migrantes chineses identificou um efeito negativo do estresse de aculturação no processo de aculturação e sentido de vida, sendo o sentido de vida um fator protetivo no processo de aculturação. Os migrantes que tinham menor nível de estresse de aculturação, demonstraram maior propensão a buscarem por um sentido em suas vidas e terem efeitos positivos na saúde mental (Pan, Wong, Chan, & Joubert, 2008). Contudo, a compreensão dos fatores que suscitam o estresse é complexa devido à diversidade de estressores que podem afetar o processo de aculturação. Sendo, portanto, uma experiência subjetiva do indivíduo (Berry, 1997).

Os processos de realocação, por exemplo, têm se mostrado como fator preponderante no estresse por terem burocracias que categorizam os migrantes conforme a sua entrada no país. A falta de recursos que, muitas vezes leva o sujeito a migrar, desafia as estratégias de enfrentamento do indivíduo em seu limite. Tal ocorrência pode favorecer o desenvolvimento de distúrbios psicológicos como ansiedade e depressão (Berry, 1997; Yakushko, Watson & Thompson, 2008). Estudos sugerem que um a cada dez refugiados adultos sofrem de estresse pós-traumático, um a cada vinte de depressão maior e um a

cada vinte e cinco de transtorno de ansiedade generalizada (Fazel, Wheeler, & Danesh, 2005). No entanto, segundo a literatura, a tendência é que, com o passar do tempo, os indivíduos se adaptem de uma forma mais positiva (Berry, 1997).

A adaptação do sujeito em uma nova cultura se ramifica em três dimensões: adaptação econômica, sociocultural e psicológica. A adaptação econômica é positiva em casos em que as questões empregatícias são favoráveis e efetivas na nova cultura (Berry, 1997). Já a adaptação sociocultural ocorre quando o indivíduo é capaz de lidar com o cotidiano, majoritariamente no contexto familiar, escolar e do trabalho (Berry, 1997, Berry & Sabatier, 2010). A adaptação psicológica, a que será enfatizada no presente estudo, é entendida como um senso de identidade pessoal e cultural, uma satisfação pessoal com o contexto cultural e saúde mental do indivíduo (Berry, 1997), um entendimento de bem-estar próprio (Berry & Sabatier, 2010).

Além do estresse, existem outros fatores que podem afetar de forma negativa a adaptação dos refugiados. O sentimento de não pertencimento e a descontinuidade, ruptura de laços constitutivos do indivíduo, podem levar a um mal-estar existencial e à doença. O mal-estar existencial pode se caracterizar como as aflições diante do desconhecido, que pode ser reforçado com a tentativa de dar respostas aos problemas singulares do ser. O fenômeno do adoecer em uma outra cultura pode contribuir, por exemplo, para uma sobreposição do saber dos profissionais de saúde locais sobre o conhecimento do próprio sujeito sobre si, deslegitimizando-o (Lencher, 2007).

A discriminação também é um fenômeno que afeta negativamente a adaptação sociocultural e psicológica de refugiados (Berry & Sabatier, 2010), influenciando a sua escolha de estratégia de aculturação. O racismo é uma experiência que afeta o sentimento de pertença no novo país, desencorajando o indivíduo a um vínculo cultural. Estudos mostram que 41,8% (total de 1254 participantes) dos migrantes de segunda geração experienciaram algum tipo de discriminação (Berry, 2017). Ademais, jovens que percebem a discriminação tendem a rejeitar o contato com grupos dominantes e demonstrar baixa propensão ao bem-estar psicológico (Berry & Sabatier, 2010). No Brasil, parece haver uma realidade semelhante, ao passo que diversas instituições brasileiras assinaram um

documento contrário à xenofobia que tem ocorrido em Roraima contra os venezuelanos que solicitam refúgio no país (Cáritas, 2018b).

Além disso, a possível barreira linguística existente entre migrantes e brasileiros torna o processo de adaptação mais difícil afetando o acesso às informações sobre a garantia de serviços básicos a respeito da saúde, educação e dos demais serviços públicos (IMDH, 2017). Pesquisas mostram que refugiados têm tido melhorias na situação econômica pelo avanço na educação, mostrando-se, portanto, como uma variável relevante e passível de intervenção (Yakushko, Watson & Thompson, 2008).

A aprendizagem da língua local, enquanto fator que favorece o processo de aculturação, integra o sujeito à sociedade a partir de sua aprendizagem. A necessidade do acesso à informação de direitos e serviços fundamentais é um ponto estratégico para a aprendizagem da nova língua que o possibilita conhecer seus direitos fundamentais, deveres e interagir nos demais setores de sua vida. Nesse ensino, denomina-se de "língua de acolhimento" para enfatizar a ideia de o estudante, o migrante que procura um curso para aprender o idioma, ser um ator social, buscando levá-lo à noção de uma cidadania plena e consciente. Além disso, para facilitar a adaptação de refugiados, é de extrema importância traduzir informações básicas que informem os seus direitos assim como também possibilitem um compêndio com o vocabulário base para que o indivíduo possa se comunicar e ganhar familiaridade com a língua. Isso permite com que o indivíduo se sinta compreendido e suas necessidades sejam possivelmente atendidas por meio da comunicação efetiva (IMDH, 2017).

Em um estudo desenvolvido sobre adaptação psicológica de refugiados sírios no Brasil (Lucena, Hoersting & Modesto, no prelo), verificou-se que uma maior orientação para a cultura brasileira contribuiu com maiores índices de adaptação psicológica dos refugiados. Por outro lado, uma maior orientação para a cultura original dificultou o processo de adaptação psicológica, indicando a importância de uma aderência a elementos da cultura de destino como um importante aspecto da adaptação psicológica e do bem-estar dos refugiados. Esses achados também foram encontrados em um estudo que analisou a aculturação de brasileiros no Japão (Tashima, 2018). A autora também identificou que a

percepção de discriminação e de suporte social podem influenciar a adaptação psicológica (Tashima, 2018; Pan, Wong, Chan & Joubert, 2008).

Tendo em vista que, conforme mencionado, a adaptação psicológica pode ser entendida como uma expressão de bem-estar próprio (Berry & Sabatier, 2010), somado ao fato da importância do sentido de vida como uma variável que impacta no bem-estar (Steger, Kashdan, Sullivan & Lorentz, 2008; Ho, Cheung & Cheung, 2011; McMahan & Estes, 2010), acreditamos ser relevante analisar a relação entre sentido de vida e o processo de adaptação psicológica de refugiados.

Sentido de vida

Existe uma extensa lista de definições sobre sentido de vida em função da corrente teórica e filosófica que o autor adira (Krüger, 2017). Dentre os diferentes entendimentos sobre o construto, tendo como base a Logoterapia, sentido de vida pode ser definido como o encontro de algo que somente aquele indivíduo é capaz de fazer, sendo algo único e específico em que o ser se consuma e se realiza plenamente ao desempenhá-lo (Frankl, 2010). O motivo primordial do sujeito, a consciência de ser responsável pelas suas próprias ações, o direciona a um sentido, caracterizando-se por estar à frente do ser, sendo o seu guia. Também é colocado como a expressão do que é mais humano no ser - noodinâmica - , aquilo que o diferencia dos demais seres e que o faz questionar a própria existência. Nesse sentido, entende-se que o indivíduo possui um caminho único e irrepitível em que é possível realizar as suas mais diversas possibilidades (Frankl, 2010). Caracteriza-se também pelo sentimento de cumprimento do propósito de vida e se revela como um processo individual pelo grau de diferença da busca e contemplação pelo sentido de vida (Ho, Cheung & Cheung, 2011). O sentido deve, então, ser entendido como uma realidade humana, sendo global em sua significância, contudo, com uma especificidade de conteúdo para cada indivíduo (Hoelzel & Moraes, 2017).

Apesar desse entendimento, a teoria presume que ninguém é obrigado a desejar por um sentido, cabe apenas à pessoa querê-lo ou não. Ou seja, é um fenômeno global

enquanto possibilidade de encontrar o "brilho do sentido", mas cabe somente ao indivíduo o desejo de encontrá-lo (Frankl, 2010).

O sentido de vida pode ser entendido a partir de duas dimensões: a busca por sentido e a presença de sentido (Steger, Frazier, Oishi, & Kaler, 2006). A busca por sentido pode ser definida como a procura por sentido ou o desejo de aumentar o propósito de vida. Já a presença de sentido é entendida como envolvimento da pessoa no percorrer de sua existência com o sentido de sua vida, considerando seu próprio critério para definir seu significado (Aquino, 2015). É importante destacar que a busca por sentido não necessariamente se relaciona positivamente com a presença de sentido (Steger, Kashdan, Sullivan & Lorentz, 2008), sendo entendidos, assim, como construtos distintos.

Analisando o contexto de situações extremas de sofrimentos é possível compreender que estas não estão, obrigatoriamente, relacionadas a baixos índices de sentido de vida. Nestas circunstâncias, há a possibilidade de o sujeito ressaltar o que realmente é significativo em sua vida, de modo a ter a perspectiva de encontrar sentido perante às múltiplas adversidades de suas vivências. Tais enfrentamentos partem da indispensabilidade de reflexão sobre as experiências vividas, possibilitam o entendimento do dever-ser no mundo de cada pessoa. Portanto, é possível a qualquer ser humano, mesmo que sofrendo as experiências mais atroz, desvendar o sentido de sua vida (Hoelzel & Moraes, 2017). Sendo assim, a ausência de sentido, assim como a identificação de sua presença, é compreendida como um processo individual (Ho, Cheung, & Cheung, 2011).

Apesar de ser entendido como um processo individual, a ausência de sentido, de maneira geral, acaba favorecendo um vazio existencial, uma perda no propósito de vida (Aquino et al, 2009, Aquino, 2015), sendo, por consequência, uma potencial fonte para o adoecimento (Aquino et al, 2009). Diferentes estudos têm apontado para a relação positiva do sentido de vida com bem-estar (Steger, Kashdan, Sullivan & Lorentz, 2008; Ho, Cheung & Cheung, 2011; McMahan & Estes, 2010), saúde mental e efeitos positivos no processo de aculturação (Pan, Wong, Chan & Joubert, 2008). Sendo possível não só relacioná-lo com saúde emocional, mas também com o próprio processo de adaptação frente à uma nova cultura.

Feitas essas considerações, tendo em vista que a adaptação psicológica pode ser entendida como uma forma de bem-estar perante o contexto cultural, somado às evidências da importância do sentido de vida para compreensão do bem-estar geral, buscase, no presente estudo, uma articulação entre os fenômenos da adaptação psicológica e o de sentido de vida. Nessa direção, ter um propósito de vida pode dar um suporte para as vivências de sofrimentos extremos, sugerindo que a saúde mental e a contextualização do refugiado na cultura poderiam ser afetados negativamente pela falta de propósito de vida (Pan, Wong, Chan & Joubert, 2008; Hoelzel & Moraes, 2017). Desta forma, ressalta-se que há a possibilidade de as variáveis estudadas serem relacionadas teoricamente.

Em função desses entendimentos, formulou-se três hipóteses para a presente pesquisa. A primeira (H1) postula que quanto maior a adaptação psicológica menor o nível de busca de sentido, pois entende-se que pelo indivíduo estar adaptado de alguma forma à cultura, não sente a necessidade de buscar por um sentido. Adicionalmente (H2), propõe-se que quanto maior a adaptação psicológica maior a presença de sentido, uma vez que estar adaptado à nova cultura favorecerá a existência de sentido após os percalços de uma situação de refúgio. Por último (H3), acredita-se que quanto maior o tempo no Brasil maior o nível de adaptação psicológica, por se compreender que existem maiores chances de formação de vínculos afetivos com um maior tempo no país e, como consequência, favorecendo um maior sentimento de bem-estar e pertencimento.

MÉTODO

Tipificação

Pesquisa quantitativa.

Participantes

Participaram do estudo 42 refugiados e solicitantes de refúgio, sendo a maioria do sexo masculino (75,80%), acima de 18 anos e alfabetizados. Sobre as nacionalidades, foram 13 sírios, 23 venezuelanos, 3 cubanos, 1 palestina e 1 camaronês. A idade variou entre 20 e 56 anos ($M = 33,28$; $DP = 9,42$). O tempo de estadia no Brasil variou de 1 mês a 62 meses ($M = 25,49$; $DP = 18,99$). Atualmente, 57,50% da amostra têm emprego fixo no Brasil. Um dos participantes não respondeu o questionário sociodemográfico.

Instrumentos

A Escala de Adaptação Psicológica (Demes & Geeraert, 2014) foi aplicada com o intuito de medir o nível de adaptação psicológica de cada indivíduo. A escala consiste em 8 itens, tendo suas respostas em uma escala que oscila de 1 (nunca) a 7 (sempre). O índice de confiabilidade foi de $\alpha = 0,77$.

O Questionário de Sentido de Vida (Steger, Frazier, Oishi, & Kaler, 2006) foi aplicado com o intuito de medir o nível de sentido de vida de cada participante. O questionário consiste em 10 perguntas, sendo as respostas uma escala que oscila de 1 (absolutamente falsa) a 7 (absolutamente verdadeira). Os alfas de cronbach da escala foram de 0,88 (busca de sentido) e 0,79 (presença de sentido).

O questionário sociodemográfico foi aplicado com o intuito de compreender a situação social e demográfica de cada participante. O questionário contém 10 perguntas, tendo respostas dicotômicas, de escala e uma discursiva. A questão discursiva teve como indagação se o participante mudaria algo no país e, se a resposta afirmativa, solicitava que explicitasse o que seria.

Todos os instrumentos foram disponibilizados em português, inglês, espanhol, francês e árabe, tendo em vista a preferência do participante.

Procedimentos

A presente pesquisa foi submetida ao Conselho de Ética e Pesquisa, sendo aceita pelo parecer de número 3.754.190. Os refugiados foram convidados a participar da pesquisa por meios eletrônicos, sendo que 17 participaram respondendo pela internet e 25 pessoalmente. Foi explanado sobre as questões éticas para todos, sendo frisado ser uma participação livre, sem nenhum tipo de remuneração, assim como o direito de, caso desejassem, poderem desistir a qualquer momento do estudo. Assim que consentiram em participar, pediu-se que escolhessem a língua de preferência para que os questionários fossem entregues - ou que o link fosse enviado - na língua que escolhessem. Aqueles que concordaram em participar, assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido ou, para os que responderam online, confirmaram estar de acordo. Em seguida lhes foi apresentado os três instrumentos da pesquisa na seguinte ordem: Escala de Adaptação Psicológica, Questionário de Sentido de Vida e o questionário sociodemográfico.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A fim de testar a relação entre as variáveis, foi conduzido um Teste de Correlação de Pearson. Os resultados podem ser visualizados na Tabela 1.

Tabela 1

Índice de correlação das variáveis e respectivos níveis de significância

Variáveis	Presença de sentido	Busca sentido	Tempo no Brasil
Adaptação psicológica	$R = 0,35$	$R = - 0,53$	$R = - 0,24$
	$p = 0,022$	$p < 0,001$	$p = 0,128$

Ao analisar o índice de correlação entre adaptação psicológica e busca de sentido, verificou-se uma correlação negativa, corroborando com a Hipótese 1 que postulava que quanto mais adaptado o indivíduo, menor seria a busca por sentido. A Hipótese 2 também foi corroborada, ao ser identificado que maiores índices de presença de sentido se relacionam com maiores índices de adaptação psicológica.

A Hipótese 3 que afirmava que quanto maior o tempo no país maior seria a adaptação psicológica não foi corroborada, não sendo identificado uma relação entre as variáveis. Ou seja, evidencia-se que o tempo que o refugiado se encontra no Brasil não se relaciona com sua adaptação psicológica.

Além da resposta aos instrumentos de adaptação psicológica e sentido de vida, os participantes deveriam informar, em uma questão aberta, o que gostariam de mudar no Brasil. As respostas dos participantes foram categorizadas e apresentadas na Tabela 2. Uma vez que o padrão de respostas foi breve, optou-se por apresentar categorias gerais das respostas, em caráter exploratório, mas sem a possibilidade de um aprofundamento qualitativo. Ressalta-se que foram desconsiderados três tipos de resposta: “sim” - que a pessoa mudaria algo, mas não especificou, “não sei” - o participante não soube dizer se mudaria algo no país e uma que foi incompreendida.

Tabela 2

Frequência e percentual de respostas discursivas do instrumento

Tipo de resposta	Frequência	Porcentagem
Nada	6	15,38%
Política/Governo	5	12,82%
Trabalho	4	10,25%
Segurança	4	10,25%
Idioma	4	10,25%
Xenofobia/Racismo/Sentimento de superioridade	4	10,25%
Educação	3	7,69%
Existência de drogas	2	5,12%
Não respondeu	2	5,12%
Economia	1	2,56%
Quantidade de feriados	1	2,56%
Burocracia	1	2,56%
Pobreza	1	2,56%
Cidade em que mora	1	2,56%

Conforme disposto na Tabela 2, verifica-se um total de 14 grupos de respostas diferentes. Algumas respostas abordaram diferentes temas, sendo consideradas em mais de uma categoria. Verifica-se que a maioria dos participantes (total de 6) não mudariam nada no país e 5 respostas contemplaram que mudariam algo relacionado à segurança e/ou à política e governo. Tendo como frequência mínima de 2,56% - equivalente a 1 resposta - voltaram-se aos agrupamentos de economia, quantidade de feriados, burocracia, pobreza e cidade onde mora.

O presente estudo buscou analisar a relação entre sentido de vida e adaptação psicológica de refugiados no Brasil. Formulou-se como hipótese que quanto mais adaptado o sujeito, menor seria a busca por sentido (H1). Também como hipótese que quanto mais adaptado o refugiado está, maior a presença de sentido (H2). Além disso, postulou-se que

estes estariam mais adaptados psicologicamente no país quanto mais tempo permanecessem no mesmo (H3).

A Hipótese 1 afirmava que haveria uma menor busca por sentido de vida do indivíduo que estivesse mais adaptado no país. Corroborando com a hipótese, encontrou-se uma relação significativa entre sentido de vida e adaptação psicológica. Seguindo nesta perspectiva, os indivíduos menos adaptados, buscam por sentido, o que desponta da necessidade de encontrar uma missão única para si, ideia proposta por Frankl (2010). Portanto, é possível dizer que há a probabilidade de os participantes do estudo buscarem sentido a partir das situações adversas à adaptação psicológica vividas no país, podendo ser visto como uma premência para significar - buscar sentido para - tais experiências vividas. Sendo, então, capazes de desvendar o sentido de suas vidas (Hoelzel & Moraes, 2017).

Já a Hipótese 2 postulava que quanto mais adaptado o refugiado está, maior é a presença de sentido em sua vida. Essa hipótese também foi corroborada, se somando a estudos anteriores que apontam nessa direção (Steger, Kashdan, Sullivan & Lorentz, 2008; Ho, Cheung & Cheung, 2011; McMahan & Estes, 2010; Pan, Wong, Chan & Joubert, 2008). A partir da corroboração da Hipótese, é possível destacar que a presença de sentido afeta positivamente necessidades psicológicas como sentimento de valoração e propósito, sendo fatores que envolvem o processo de aculturação e, por conseguinte, o de adaptação psicológica (Pan, Wong, Chan & Joubert, 2008; Berry, 1997). Ademais, ao estarem minimamente adaptados ao contexto cultural brasileiro, podem, possivelmente, não sentir a necessidade de buscarem sentido para as experiências vividas, e sim, a partir do sentimento de bem-estar para com o experienciado, encontrarem sentido (Hoelzel & Moraes, 2017).

A Hipótese 3 afirmava que quanto mais tempo o refugiado se encontra no Brasil, maior será a sua adaptação psicológica. Contudo, não foi identificada nenhuma relação entre as variáveis. Portanto, não corrobora com a literatura que aborda a tendência de que, com o passar do tempo, os indivíduos se adaptam de uma forma positiva (Berry, 1997). Possivelmente, os refugiados que participaram do estudo têm um índice relevante de orientação para com a cultura de origem, o que pode dificultar o processo de integração no

Brasil, corroborando com a literatura que aponta que quanto maior a orientação, mais difícil se torna o processo de adaptação (Lucena, Hoersting & Modesto, no prelo). No entanto, é importante destacar que não mensuramos a orientação para a cultura original, sendo esta uma hipótese post-hoc passível de ser considerada em futuros estudos que analisem a relação entre tempo no país e adaptação psicológica.

Adicionalmente, para a compreensão da ausência de relação entre tempo de país e adaptação psicológica, destaca-se a análise das respostas discursivas. Estes dados apontaram que a maioria dos refugiados que participaram do presente estudo mudariam algo no Brasil, sendo um indício de insatisfação perante a posição do Brasil enquanto país acolhedor, principalmente, nas categorias que envolvem algum tipo de assistência como segurança e política. Evidencia-se uma possível carência em fatores que propiciam bem-estar e saúde mental, tendo como consequência a vulnerabilidade frente aos desafios encontrados o que concorre para um menor índice de adaptação psicológica. Também analisa-se que a maioria das respostas que envolveram alguma mudança se voltavam à política no país, sendo um indicador de uma provável insatisfação perante às ações governamentais e, conseqüentemente, a possibilidade de menor adaptação psicológica.

O país acolhedor deve proporcionar aos refugiados justamente aquilo que o de origem não realizou. Se não forem tratados como atores sociais, há um comprometimento da sua segurança e dignidade (Moreira, 2017). Sendo o Brasil um país com alto índice de solicitação de refúgio, as demandas de dormitórios, escolas, alimentos e documentos legais devem ser correspondidas o mais rápido possível (Cáritas, 2018b). Como consequência, em não havendo uma agilização por parte do governo, fenômenos como o estresse, o desemprego e a pobreza podem perpassar a história dos refugiados, tendo como consequência uma menor adaptação destes no país (Berry, 1997).

Além disso, acrescenta-se que o refugiado, ao passar grande parte de seu tempo procurando oportunidades de suprir os fatores em déficit, tem menos de tempo de se dedicar à formação de vínculos, o que pode afetar substancialmente o seu sentimento de pertencimento e bem-estar (Lencher, 2007; Yakushko, Watson, & Thompson, 2008). Sugere-se que as políticas governamentais não sejam meramente acolhedoras, mas que,

em sua atuação, possam de fato agir em favor de uma maior adaptação dos refugiados (Moreira, 2017).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que a presente pesquisa possui contribuições teóricas e práticas. Em uma perspectiva teórica, favorece uma aproximação entre a Logoterapia, o refúgio humanitário e a adaptação psicológica. Já em uma perspectiva prática, favorece a compreensão de um fenômeno ainda pouco investigado pela psicologia no país, podendo contribuir para futuras intervenções.

REFERÊNCIAS

- Abraído-Lanza, A. F., Echeverría, S. E. e Flórez, K. R. (2016). Latino Immigrants, Acculturation, and Health: Promising New Directions in Research. *Annu. Rev. Public Health*, 37, 219-236. doi: 10.1146/annurev-publhealth-032315-021545
- ACNUR. Dados sobre Refúgio no Brasil
 <<http://www.acnur.org/portugues/dados-sobre-refugio/dados-sobre-refugio-no-brasil/>> Acesso em: 28 de dez. 2019
- APA (2012). Crossroads: the psychology of immigration in the new century. *American Psychological Association*.
- Aquino, T. A. A., Veloso, V. G., Aguiar, A. A., Serafim, T. D. B., Pontes, A.M., Pereira, G. A. e Fernandes, A. S. (2015). Questionário de Sentido de Vida: Evidências de sua Validade.Fatorial e Consistência Interna. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 35 (1), 4-19. doi:.10.1590/1982-3703001332012
- Aquino, T. A. A., Correia, A. P. M., Marques, A. L. C., Souza, C. G., Freitas, H. C. de A., Araújo, I. F., Dias, P. dos S. e de Araújo, W. F. (2009). Atitude Religiosa e Sentido da Vida: Um Estudo Correlacional. *Psicologia Ciência e Profissão*, 29 (2), 228-243. Retirado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932009000200003
- BBC (2018). 'Usadas, abusadas e violadas': as mulheres exploradas na Síria em troca de ajuda humanitária <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-43197931>> Acesso em 6 set. 2018
- Berry, J. W. (1997). Immigration, Acculturation, and Adaptation. *International Association of Applied Psychology*, 46 (1), 5-68. doi: 10.1111/j.1464-0597.1997.tb01087.x
- Berry, J. W. e Sabatier, C. (2010). Acculturation, discrimination, and adaptation among second generation immigrant youth in Montreal and Paris. *International Journal of Intercultural Relations*, 34, 191-207. doi:10.1016/j.ijintrel.2009.11.007.
- Bornstein, M. H. (2017). The Specificity Principle in Acculturation Science. *Perspectives on Psychological Science*, 12(1), 3-45. doi: 10.1177/1745691616655997

- Cáritas (2018a). Igreja vai ao encontro dos imigrantes venezuelanos em missão no Norte do país <<http://caritas.org.br/igreja-vai-ao-encontro-dos-imigrantes-venezuelanos-em-missao-no-norte-do-pais/38095>> Acesso em: 11 set. 2018.
- Cáritas (2018b). Imigrantes venezuelanos: Nota de repúdio pede o fim da xenofobia e ações do governo <<http://caritas.org.br/imigrantes-venezuelanos-nota-de-repudio-pede-o-fim-da-xenofobia/38035>> Acesso em: 11 set. 2018.
- Demes, K. A., e Geeraert, N. (2014). Measures Matter: Scales for Adaptation, Cultural Distance, and Acculturation Orientation Revisited. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 45(2), 91- 109. doi: 10.1177/0022022113487590
- Frankl, V. E. (2010). *Psicoterapia e Sentido da Vida: Fundamentos da Logoterapia e Análise Existencial*. São Paulo: Quadrante.
- Krüger, H. (2017). Crenças e sentido de vida. Curitiba: EDITORA CRV.
- Ho, M. Y., Cheung, F. M. e Cheung, S. F. (2011). The role of meaning in life and optimism in promoting well-being. *Elsevier*, 48 (5), 658-663. doi: 10.1016/j.paid.2010.01.00
- Hoelzel, F. e Morales, B. S. V. (2017). A vontade de sentido: criando novas possibilidades de vida. *Revista Logos & Existência*, 6 (1), 53-68. doi: 10.22478/ufpb.2316-9923.2017v6n1.30226
- Horenczyk, G., Jasinskaja-Lahti, I., Sam, D. L. e Vedder, P. (2013). Mutuality in Acculturation: *Toward an Integration*. *Zeitschrift für Psychologie*, 221, 205-213. doi:10.1027/2151-2604/a000150
- Instituto Migrações e Direitos Humanos - IMDH (2017). *Cadernos de Debates Refúgio, Migrações e Cidadania*, 12 (12).
- Lencher, E. (2007). Imigração e saúde mental. *Migrações* (1), 79-101. Retirado de https://www.om.acm.gov.pt/documents/58428/183863/migracoes1_art4.pdf
- Lucena, M. S., Hoersting, R. e Modesto, J. G. (no prelo). The sociocultural and psychological adaptation of Syrian Refugees in Brazil. *Psico-PUC*.
- McMahan, E. A. e Estes, D. (2010). Measuring Lay Conceptions of Well-Being: The Beliefs About Well-Being Scale. *Journal of Happiness Studies*, 2 (2), 267-287. Retirado de <https://link.springer.com/article/10.1007/s10902-010-9194-x>

- Moreira, J. B. (2017). Pesquisando migrantes forçados e refugiados: reflexões sobre desafios metodológicos no campo de estudos. *Soc. e Cult., Goiânia*, 20 (2), 154-172. Retirado de <https://www.researchgate.net/publication/325275432> Pesquisando migrantes forçados e refugiados reflexoes sobre desafios metodologicos no campo de estudos
- MRE. Refugiados e CONARE <<http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/politica-externa/paz-e-seguranca-internacionais/153-refugiados-e-o-conare>>. Acesso em 24 ag. 2018.
- Pan, J., Wong, D. F. K., Chan, C. L. W., Joubert, L. (2008). Meaning of life as a protective factor of positive affect in acculturation: A resilience framework and a cross-cultural comparison. *International Journal of Intercultural Relations*, 32, 505–514. doi:10.1016/j.ijintrel.2008.08.002
- Steger, M. F., Frazier, P., Oishi, S., Kaler, M. (2006). The Meaning in Life Questionnaire: Assessing the Presence of and Search for Meaning in Life. *Journal of Counseling Psychology*, 53(1), 80-93. doi:10.1037/0022-0167.53.1.80
- Steger, M. F., Kashdan, T. B., Sullivan, B. A. e Lorentz, D. (2008). Understanding the Search for Meaning in Life: Personality, Cognitive Style, and the Dynamic Between Seeking and Experiencing Meaning. *Journal of Personality*, 76 (2), 199-228. doi:10.1111/j.1467-6494.2007.00484.x
- Tashima, J. N. (2018). Adaptação cultural de imigrantes brasileiros no Japão. (Tese de Doutorado). Obtida a partir do Repositório da UnB.
- Ward, C. e Geeraert, N. (2016). Advancing acculturation theory and research: the acculturation process in its ecological context. *Elsevier*, 8, 98-104. doi: 10.1016/j.copsyc.2015.09.021
- Yakushko, O., Watson, M. e Thompson, S. (2008). Stress and Coping in the Lives of Recent Immigrants and Refugees: Considerations for Counseling. *Int J Adv Counselling*, 30, 167–178. doi:10.1007/s10447-008-9054-0

ANEXOS

ANEXO A - Escala de Adaptação Psicológica

Instruções: Pense sobre morar no Brasil. Nas últimas 2 semanas, com que frequência você se sentiu: 1. Nunca 2. Muito raramente 3. Raramente 4. Às vezes 5. Frequentemente 6. Normalmente 7. Sempre

1. Empolgado por estar no Brasil

1	2	3	4	5	6	7
---	---	---	---	---	---	---

2. Fora do lugar, como se você não se encaixasse na cultura brasileira

1	2	3	4	5	6	7
---	---	---	---	---	---	---

3. Triste por estar fora do meu país de origem

1	2	3	4	5	6	7
---	---	---	---	---	---	---

4. Ansioso sobre como se comportar em certas situações

1	2	3	4	5	6	7
---	---	---	---	---	---	---

5. Sozinho sem sua família e seus amigos do seu país a sua volta.

1	2	3	4	5	6	7
---	---	---	---	---	---	---

6. Com saudades (sentindo falta) de casa quando você pensa no seu país.

1	2	3	4	5	6	7
---	---	---	---	---	---	---

7. Frustrado pelas dificuldades de se adaptar ao Brasil.

1	2	3	4	5	6	7
---	---	---	---	---	---	---

8. Feliz com sua vida diária no Brasil.

1	2	3	4	5	6	7
---	---	---	---	---	---	---

ANEXO B - Questionário Sentido de vida

Por favor, pense no que te motiva e responda às afirmações abaixo na escala de 1 a 7. Não tem resposta certa ou errada.

1. Totalmente Falso 2. Geralmente Falso 3. Um Pouco Falso 4. Não Sei 5. Um Pouco

Verdadeiro 6. Geralmente Verdadeiro 7. Totalmente Verdadeiro

1. Eu entendo o significado de minha vida.

1	2	3	4	5	6	7
---	---	---	---	---	---	---

2. Estou procurando algo que faça minha vida parecer significativa

1	2	3	4	5	6	7
---	---	---	---	---	---	---

3. Estou sempre procurando descobrir quais são os meus propósitos

1	2	3	4	5	6	7
---	---	---	---	---	---	---

4. Minha vida tem um claro senso de propósito

1	2	3	4	5	6	7
---	---	---	---	---	---	---

5. Tenho uma boa consciência do que faz minha vida ser significativa

1	2	3	4	5	6	7
---	---	---	---	---	---	---

6. Eu descobri um propósito de vida satisfatório

1	2	3	4	5	6	7
---	---	---	---	---	---	---

7. Estou sempre procurando algo que faça minha vida parecer significativa

1	2	3	4	5	6	7
---	---	---	---	---	---	---

8. Estou buscando um propósito ou missão para minha vida

1	2	3	4	5	6	7
---	---	---	---	---	---	---

9. Minha vida não tem propósito claro

1	2	3	4	5	6	7
---	---	---	---	---	---	---

10. Estou procurando por significado em minha vida

1	2	3	4	5	6	7
---	---	---	---	---	---	---

